

**UMA ABORDAGEM FILOLÓGICA  
DE UM DOS VERSÍCULOS BÍBLICOS  
MAIS DIFÍCEIS DE INTERPRETAR (1 JOÃO 3.6)**

*Carlos Alberto Gonçalves Lopes (ABRAFIL)*

[calbertoglopes@hotmail.com](mailto:calbertoglopes@hotmail.com)

**RESUMO**

Este ensaio faz uma abordagem exegética de natureza filológica do versículo seis da primeira epístola joanina com o propósito de decifrar o seu verdadeiro sentido e, assim, orientar o leitor, que se perde diante das várias interpretações dadas a essa passagem bíblica, quase sempre inconsistentes e até mesmo incoerentes.

**Palavras-chave:** Exegese textual. Discurso. Semântica.

O versículo 6 do capítulo 3 da primeira epístola de São João tem sido objeto de muita controvérsia e, por conseguinte, pode ser considerado um dos trechos bíblicos mais difíceis de interpretar, haja visto o fato de Chaplin (1986, p. 258), só para citar um comentarista, apresentar cinco possibilidades de interpretação. Daí a importância de se decifrar essa passagem bíblica, não só com o propósito de se chegar a uma solução interpretativa mais coerente e convincente do que as que comumente são encontradas, mas, sobretudo, pelo fato de se utilizá-la para a defesa de uma doutrina equivocada acerca do pecado.

Tomando, como texto básico para análise, as traduções bíblicas clássicas e mais antigas de 1 João 3.6, lemos, na tradução Almeida corrigida, que “Qualquer que permanece nele não peca; qualquer que peca não o viu nem o conheceu”; na tradução do Pe. Figueiredo baseada na vulgata latina, que “Todo o que permanece nele não peca, e todo o que peca não o viu nem o conheceu”; e, na tradução brasileira, que “Todo o que nele permanece, não peca; todo o que peca, não o tem visto nem o conhece”.

Para interpretar os enunciados referidos no parágrafo anterior, necessário se faz elucidar o contexto histórico e o propósito do autor da epístola; e, quanto a isso, não há dúvida de que o apóstolo João teve por alvo alertar os seus leitores contra a docetismo, isto é, uma heresia que ensinava não ter havido a encarnação de Jesus Cristo, pois Ele tinha apenas a aparência de ser humano e, portanto, não houve um salvador divino que tenha morrido de fato pelos nossos pecados.

## *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

O cerne da mensagem da epístola joanina, portanto, está no combate a esse desvio doutrinário; não sendo possível, em decorrência disso, encontrar a chave para a sua interpretação sem atentar para esse detalhe. Mas, afinal, o que o apóstolo João quer comunicar ao dizer que “todo o que permanece nele não peca”?

A explicação mais aceita, quando se questiona a respeito desse versículo, é a de que o verbo pecar, por estar aqui na terceira pessoa do singular do presente do indicativo, expressa a categoria de aspecto contínuo, o que significa dizer que traduz uma noção de ação ininterrupta; e que, portanto, o que João quer dizer aqui é que todo aquele que de fato é cristão não peca continuamente; e que, se peca continuamente, não é cristão, não é de fato convertido; opinião essa defendida também, com pequenas variações, por Chaplin (1986, p. 258), Drummond e Morris (1990, p. 1434), Lopes (2004, p. 86, 94) e Wiersbe (2006, p. 649).

Essa interpretação, muito encontrada em nosso meio, provavelmente explique as traduções variantes, que surgiram recentemente após as traduções históricas supracitadas; sendo, a primeira delas, a que apareceu na tradução Almeida Atualizada, na qual lemos que “Todo aquele que permanece nele *não vive pecando*; todo aquele que *vive pecando* não o viu, nem o conheceu”, onde se percebe a alteração de sentido com a mudança de *não peca* para *não vive pecando*; e, ultimamente, a que apareceu na tradução de Phillips (1994), com característica mais de paráfrase, na qual lemos que “A pessoa que vive 'em Cristo' *não tem o costume de pecar*. Quem *tem esse costume* nunca o viu nem conheceu”, onde se constata a alteração de sentido com a mudança de *não peca* para *não tem o costume de pecar*.

Ocorre, porém, que interpretar a terceira pessoa do presente do indicativo “peca” (no grego, hamartânei) como estando necessariamente no presente cursivo ou linear é muito problemático, porque nem sempre o tempo presente expressa ação contínua, prolongada, opinião esta também defendida por Taylor (1977, p. 321). Uma evidência disso é que, no enunciado “Quem mora nesta cidade *não viaja*”, o verbo viajar está na terceira pessoa do presente do indicativo e, no entanto, é legítimo interpretá-lo como estando expressando o aspecto pontual, isto é, de que quem mora nesta cidade não pratica a ação de viajar em hipótese alguma. Mas, se altero o enunciado para “Quem mora nesta cidade *não vive viajando*”, aí muda tudo, porque a ideia que se tem agora é a de que os moradores podem até viajar, o que eles não fazem é viver viajando constantemente, sem parar.

## *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

Por outro lado, salvo se adotarmos uma noção muito estreita de pecado, na qual se exclua, dentre outros, os pecados de egoísmo, orgulho e omissão, torna-se difícil sustentar a tese de que o cristão de fato não peca continuamente, por pelo menos três razões a seguir expostas.

Em primeiro lugar, porque, com a conversão, o cristão não se liberta do pecado. Plumer (2010) diz haver “duas classes de pecado que permanecem com grande vigor na consciência daqueles cujo arrependimento é verdadeiro. São os pecados de omissão e os pecados secretos”. Também Ryle (1988, p. 181) confessa que mesmo depois da conversão o egoísmo gruda em nós de modo a nos impulsionar somente para aquilo que tem a ver com as nossas almas, seja no que concerne aos nossos conflitos espirituais, seja no que concerne ao nosso progresso na fé, isso tudo nos levando a esquecer dos demais. Ora, considerando que tanto o pecado de egoísmo quanto o pecado de orgulho e os de omissão não são pecados pontuais e esporádicos, mas contínuos e constantes, próprios da natureza carnal decaída do ser humano, uma vez que tem a ver com atitudes e maneira de ser, estamos a cometê-los continuamente e não esporadicamente, como pode parecer para a maioria das pessoas, que têm uma percepção bastante limitada da natureza humana corrompida. Por isso mesmo é que não conseguimos passar um minuto sequer sem pecar, opinião esta aceita também pelo Dr. Don Kistler, em conversa que tivemos com ele na 26ª Conferência Fiel em 2010. Falta, portanto, a humildade para reconhecer o quanto somos imperfeitos e maus diante da pureza e santidade do nosso Glorioso Deus. Bayly (2010, p. 430) também reforça essa nossa percepção ao reconhecer que, “no estado de corrupção em que nos encontramos, não temos livre-arbítrio para o bem (Rom. 7:18ss; 9:16)” e “que, nesta vida, desde a queda de Adão, ninguém pode cumprir perfeitamente os mandamentos de Deus (Rom. 7:10ss.; 3:19ss.; 11:32)”.

Em segundo lugar, porque a nossa experiência pessoal de vida, o depoimento de consagrados homens de Deus e os ensinamentos encontrados no texto bíblico evidenciam que, mesmo após a conversão, travamos uma luta diária sem trégua contra o pecado. De fato, se como regenerados estamos em paz com Deus, o mesmo não acontece com nós mesmos, visto que a todo instante nos contrariamos por não conseguirmos alcançar os elevados níveis de conduta exigidos pelo padrão divino, o que nos leva a estarmos continuamente sujeitos ao pecado em nossa existência terrenal; razão pela qual Bayly (2010, p. 394) diz ser comum entre os cristãos o desejo de fazer votos de abandonar algum pecado, até perceber que são

incapazes de cumpri-lo, resultando isso em frequentes quedas nos mesmos pecados.

Essa situação é muito bem ilustrada na vida do apóstolo Paulo, para quem, o bem que desejava, não conseguia fazer, enquanto o mal que detestava era exatamente isso que ele fazia, conforme seu próprio depoimento encontrado no capítulo 7 de Romanos, o qual, conforme Ryle (1988, p. 85-86), não descreve a experiência de um homem inconverso, ou de um cristão vacilante e jovem na fé, mas a experiência de um santo homem de Deus que vivia em íntima comunhão com Ele. O mesmo pode-se dizer de Jó, que apesar de ser considerado um homem íntegro, acabou por se reconhecer como um homem vil ao se confrontar com Deus (Jó 40.4).

Charles Spurgeon, citado por Brown (1994, p. 62), também serve para ilustrar a real situação do cristão em sua peregrinação neste mundo, pois deve ter travado uma luta intestina contra sua natureza pecaminosa, uma vez que tinha o hábito de fumar, apesar de ser reconhecido como um dos grandes heróis da fé; assim como, dentre outros, o exemplo do pobre hotentote convertido relatado por Ryle (1988, p. 175) ao dizer: “Senhor, livra-me de todos meus inimigos, mas, sobretudo, deste homem mau que sou eu”.

Além disso, Owen (2010), por sua vez, revela haver algo de mal e detestável habitando o interior de todo cristão regenerado, acerca do qual ele denomina “pecado interior” que, apesar de ter sua raiz mortificada com a conversão, “é ainda uma lei de grande força e eficácia” (p. 236), capaz de fazer com que o crente se incline para cometer vários pecados; dentre os quais o de “desperdício de tempo, preguiça, vadiagem, inveja, (...), desavenças, rivalidades, ira, soberba, mundanismo, egoísmo” (p. 74); falhando assim tanto no entendimento quanto na obediência.

Infelizmente, nem todo cristão tem consciência da sua real natureza pecaminosa, talvez não só em virtude de “um ensino popular, mas infelizmente errado, que diz que se nós não mantivermos uma vida santa, se não manifestarmos nossa retidão, então de forma alguma podemos pertencer a Cristo” (BROWN, 1994, p. 91), como também, principalmente, pelo fato de o reconhecimento da nossa indignidade, da nossa pecaminosidade, machucar muito o nosso ego, o nosso orgulho, sendo mais confortável enxergar a ruindade apenas nos outros, principalmente nos ímpios inconversos. Só que essa atitude é muito arriscada e perigosa, conforme relato de Lucas 18.10-14, onde se conta a história de um fari-

seu e de um publicano, em que o primeiro considerava-se um santo cumpridor da lei; enquanto, o segundo, considerava-se tão pecador que não ousava sequer levantar os olhos aos céus, limitando-se apenas a suplicar misericórdia a Deus; para, no final, o próprio Deus (Jesus Cristo) dar a seguinte sentença: “este (o publicano) desceu justificado para sua casa; e não aquele” (o fariseu).

Em terceiro lugar, porque aos olhos de Deus não fazemos o bem que desejamos, tanto é assim, que perante o jovem rico, relatado em Marcos 10.17-22, que se achava cumpridor dos dez mandamentos, Jesus lhe disse: “Ninguém é bom senão um, que é Deus”. E, em outro lugar, o texto bíblico é taxativo ao dizer que “não há homem justo sobre a terra que faça o bem e que não peca” (Ec. 7.20).

Daí só é possível deduzir que, se nós não somos bons, então somos maus, já que não há meio termo; e, se somos maus, é porque estamos sujeitos a continuamente estarmos pecando, pois, do contrário, em alguns momentos seríamos bons, e a Bíblia exclui essa possibilidade. A propósito, diz Ryle (1996, p. 53, 64) que as raízes da corrupção humanas estão tão profundamente arraigadas, mesmo depois de ter sido o crente regenerado, lavado, santificado, justificado e feito membro vivo de Cristo que, assim como a lepra no corpo, o crente não poderá ver-se completamente livre destas raízes até o momento da sua morte. Para ele, só Cristo viveu sem pecado, enquanto todos os crentes nascidos de novo ofendemos a Deus em muitas coisas, havendo em nossas melhores obras imperfeição, inclusive em nossas orações, sem falar que não amamos a Deus como deveríamos (de todo nosso coração, com toda nossa mente, com todas nossas forças) e nem tememos a Deus como deveríamos. Em outro lugar, Ryle (1988, p. 86) é ainda mais incisivo ao afirmar que as ações mais santas do crente mais santo que tenha vivido estão mais ou menos cheias de defeitos e imperfeições; uma vez que, quando não são más em seus motivos, são más em sua execução, e, por si mesmas, diante de Deus não são mais que pecados esplêndidos.

Disso tudo se pode concluir que é impossível para o crente viver sem pecar continuamente, já que não conseguimos, só para citar um exemplo, amar aos nossos irmãos na fé ou a Deus no grau de amor que Jesus determinou que amássemos, sendo qualquer posição contrária a essa resultante de uma percepção distorcida da realidade. Realmente, Ryle (p. 54-55) também reconhece não ser possível dar-nos conta da tremenda pecaminosidade que aos olhos de Deus, santo e perfeito, tem o pecado (Jó 4.18), levando-se em conta o fato de nossa morada estar entre peca-

## *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

dores e nossa atmosfera ser de maldade, enfermidade e imperfeição, razão pela qual se torna impossível para nós formar um conceito correto do caráter vil e terrível do pecado, uma vez que não podemos sondar sua profundidade e não temos vara para medi-lo.

Por fim, termina reconhecendo que o que mais nos deixará pasmados no despertar do dia da ressurreição será a clara visão que teremos do pecado, de nossas faltas e de nossos defeitos. Até lá, ele não admite a possibilidade de termos uma visão completa da “pecaminosidade do pecado”. Isso não significa dizer, todavia, que, por causa disso, o cristão vai se entregar ao pecado, como faz o ímpio; mas, muito pelo contrário, o que ele faz é travar uma luta renhida, contínua e sem trégua contra o pecado que habita em sua carne, se é que foi convertido.

Sendo assim, à luz do contexto histórico e linguístico da epístola joanina, resta buscarmos outra interpretação para o versículo objeto de nossa análise fora da interpretação comumente aceita; já que, conforme expomos, não só é inadmissível aceitar a hipótese de ser viável para o cristão viver sem estar continuamente pecando, quanto, pior ainda, admitir a possibilidade de viver sem pecar.

Lopes (2004, p. 164), interpretando 1 João 5.18 (Sabemos que todo aquele que é nascido de Deus não peca; mas o que de Deus é gerado conserva-se a si mesmo, e o maligno não lhe toca – ARC) argumenta de modo muito convincente que esse trecho refere-se “provavelmente ao pecado para a morte e significa que o nascido de Deus não comete o pecado de apostasia, que consistiria, ao final, em se voltar contra o próprio Pai (2.23)”, mas, estranhamente, diverge dessa interpretação em relação aos versículos 6 e 9 do capítulo 3, que parecem seguir uma mesma linha de raciocínio e repetir a mesma ideia.

Creemos, então, que uma solução plausível para uma interpretação correta e coerente de 1 João 3.6 seria reconhecer que João tem em mente aqui o pecado específico da apostasia mencionado no versículo 19 do capítulo 2. Portanto, quando diz que “todo o que permanece nele não peca” está querendo dizer que não peca o pecado de adesão à heresia docetista que nega a encarnação de Jesus Cristo. E essa interpretação faz sentido em razão de o objetivo da epístola ser o combate a essa doutrina, isto é, defender o ponto de vista segundo o qual não há como alguém poder estar em Deus (ser convertido) e ao mesmo tempo negar a encarnação de Jesus e a sua morte vicária na cruz (pecado de incredulidade). Tal pecado, realmente, nenhum cristão genuíno comete. Essa exegese, que tam-

bém é defendida pela *Bíblia de Estudo de Genebra* (1999, p. 1512) como segunda possibilidade de interpretação, é possível de ser aplicada também em relação a 1 João 3.9 (Qualquer que é nascido de Deus não comece pecado; porque a sua semente permanece nele; e não pode pecar, porque é nascido de Deus – ARC) e a 1 João 5.18, já mencionado acima.

Finalmente, resta dizer que na hipótese de este ensaio exegético não servir para elucidar de uma vez por todas o entendimento de 1 João 3.6, o que seria muita pretensão, ele terá alcançado o seu objetivo se ao menos for útil para promover o debate em torno desse versículo. Também é bom esclarecer que toda contribuição enviada que sirva para reforçar ou corrigir a posição aqui defendida numa próxima reedição deste texto será muito bem vinda.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAYLY, Lewis. *A prática da piedade: diretrizes para o cristão andar de modo que possa agradar a Deus*. Trad. de Odayr Olivetti. São Paulo: PES, 2010.

*BÍBLIA de estudo de Genebra*. São Paulo: Cultura Cristã; Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1999.

BROWN, Stephen. *Quando ser bom não basta*. Trad. de Hagar Aguiar Caruso. Flórida: Vida, 1994.

CHAPLIN, Russell Norman. *O Novo Testamento interpretado versículo por versículo*. São Paulo: Milenium Distribuidora Cultural, 1986.

DRUMMOND, R. J.; MORRIS, Leon. As epístolas de João. In: *O comentário da Bíblia* (vol. II), São Paulo: Vida Nova, 1990.

LEE, Robert. *A Bíblia em esboço: introdução, esboço e análise de cada livro da Bíblia*. 5. ed. Rio de Janeiro: Dois Irmãos, 1987.

LOPES, Augusto Nicodemus. *Interpretando o Novo Testamento: primeira carta de João*. São Paulo: Cultura Cristã, 2004.

OWEN, John. *Para vencer o pecado e a tentação*. Trad. de Marcos Vasconcelos. São Paulo: Cultura Cristã, 2010.

PHILLIPS, J. B. *Cartas para hoje*. Trad. de Márcio Loureiro Redondo. São Paulo: Vida Nova, 1994.

PLUMER, William. *O que é arrependimento*. Trad. de Wellington Fer-

*Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

reira. In: *Vital Godliness: a treatise on experimental and practical piety*. São José dos Campos: Fiel, 2010.

RYLE, Juan Carlos. *El secreto de la vida cristiana*. Barcelona: El Estandarte de la Verdad, 1988.

RYLE, Juan Carlos. *Nueva vida*. Barcelona: El Estandarte de la Verdad, 1996.

TAYLOR, William Carey. *Introdução ao estudo do Novo Testamento grego*. 5. ed. Rio de Janeiro: Juerp, 1977.

WIERSBE, Warren W. *Comentário bíblico expositivo: Novo Testamento* (vol. II). Trad. de Susana E. Klassen. Santo André: Geográfica, 2006.